

O TOM E A COR DA PANDEMIA

Fernanda Hauptmann (Brasil)

Se perguntamos a alguém na rua o que é cultura, explicam-nos muito provavelmente que se trata de arte, como a dança, o teatro ou a literatura. Mas a cultura é como ar e está em tudo. Rege nossas relações como o ar enche nossos pulmões por todo o tempo em que estamos vivos. A cultura é o nosso conjunto de valores, os quais nos ajudam a entender quem somos e como podemos ser nesse mundo tão cheio de culturas distintas. A cultura nos delimita, queiramos nós ou não, ela nos ajuda a definir nossas fronteiras pessoais numa contemporaneidade onde podemos ser diversos. Através da arte, a cultura encontra de como se expressar, sem precisar de explicações. No tom do azul, na letra do funk, no passo da dança ou naquela fala bem colocada no roteiro. E em contexto onde tudo é tão novo que precisa ser explicado, justificado e comprovado cientificamente, a cultura encontra em suas expressões artísticas um respiro de normalidade.

Se não podemos ser fisicamente sociais, como intrinsecamente somos desde a primeira busca desesperada pelo toque de nossa mãe, então agora nossas decisões devem ser socializadas para que possamos o quanto antes buscar de novo e em segurança o abraço caloroso de quem amamos. E, nessa jornada pelo desconhecido, nos ajuda quem permanece como sempre conhecemos, a arte. Então, em sua expressão máxima, a cultura se flexibiliza, se reinventa, se apropria dos meios que pode, quase que por instinto, para que possamos sentir que estamos um pouco mais juntos. A cultura une, porque um só não faz cultura. A cultura aprende, porque nós estamos aprendendo como podemos ser nesse novo normal. Se há um papel para a cultura no combate a pandemia, é o de nos guiar pelo novo com ar de normalidade.